

ANTONIO ALDAIR NETO

ACERVO
amador

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



ANTONIO ALDAIR NETO

ACERVO
amador

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Antonio Aldair Neto

Editora Executiva: **Cassia Oliveira**

Capa: **Chagas Queiroz**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Aldair Neto, Antonio

Acervo amador / Antonio Aldair Neto. – São Paulo : Recanto das
Letras, 2019.

158 p.

ISBN: 978-85-7142-034-2

1. Poesia brasileira 2. Teatro brasileiro I. Título

19-1268

CDD B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

editorarecantodasletras.com.br

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Ao meu filho Addler Jaed Ferreira Neto
À Maria Benvinda Neta
Aos meus alunos de ontem,
de hoje e aos que virão.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação.....	11

Parte I – POEMAS 17

Abraço.....	18
Sem saída	20
Medo	22
Turbulência	23
Nossa conversa	27
O mistério especial.....	32
Desabafo negro	36
Testamento.....	38
Nossa Pau dos Ferros.....	43

Parte II – TEATRO	45
Ciladas do amor	46
Certificado de mãe	73
Sonho de criança.....	81
A chegada do menino Jesus.....	94
A pobre empregada rica	100
Nem tudo é como pensamos.....	113
Casamento matuto	123
Quem não participa se trumbica!	129
Aqui se planta, aqui se colhe!.....	142
Dormindo acordado	150
Notas e referências	157

PREFÁCIO

Contar histórias, mergulhado no mundo da literatura, brincar com a linguagem para divertir é descrever retratos de formas nítidas, como se vêssemos estes momentos em quadros pintados no horizonte.

O professor Aldair Neto é um mestre que escreve poesias para contar sua história ou a história do seu povo. Ele faz das pequenas coisas um espetáculo aos olhos de quem assiste e percebe que a vida pode ser simples, mas essa simplicidade também pode ser usada como impulso para empreender, ajudar, se colocar a serviço do outro e ainda crescer. Dono de um desejo majestoso de sair da zona de conforto e se tornar uma pessoa cada vez melhor no seio familiar, no convívio com os colegas de trabalho, e de poder contribuir para

com o desenvolvimento da sua cidade natal e da sociedade como um todo.

Considerarei como missão difícil a tarefa de fazer o prefácio do segundo livro do professor Aldair Neto. Nesse sentido, é pertinente assumir que fiquei surpresa pela escolha, entretanto foi um grande prazer apresentar esta obra, e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade, pois eternizarei minhas palavras com a publicação desta edição.

O contexto apresentado nas poesias nos remete a pensamentos que identificam cenas, pessoas e lugares também vividos em minha infância, apresentam uma complexa e contraditória mensagem, regadas de conflitos de valores que revelam histórias de um povo em uma cidade de modo específico, mas se confundem com tantas outras, uma vez que os valores e as dificuldades apresentados nas escolas públicas interioranas são sempre as mesmas.

Entretanto, essas dificuldades nunca foram obstáculos para a escrita ou apresentação das peças encenadas, pelo autor e/ou pelos grupos de jovens liderados por ele, nos mais diversos lugares, mesmo

não tendo um público garantido e, como diz o próprio autor, o apoio devido.

Impressiona-me saber que a poesia escrita no passado se apresenta no presente e no futuro, para manter viva a história a qual se propôs no mundo em que vivemos ou noutras sociedades possíveis.

Enfim, o livro **Acervo Amador** que ora se apresenta, reúne poesias e peças teatrais escritas como forma de expressar o poder de comunicar, através da linguagem verbal e não verbal para contar, encantar e persuadir leitores em uma reflexão que alcance efeitos e significados nas mais variadas emoções e deleite.

Março de 2019

Prof.^a Genisa Lima de Sousa Raulino

Diretora da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP)

APRESENTAÇÃO

Em 2016, tive o prazer de realizar um sonho publicando o meu primeiro livro: *Redação em três tempos*. Um livro de língua portuguesa – com composição e exercícios voltados à leitura e à produção de textos – dirigido, sobretudo, ao público-alvo do ENEM e de concursos.

Tinha ao certo de que aquele não seria o meu único livro, e essa certeza encontrava respaldo em meus tantos textos produzidos e guardados ao longo de minha vida estudantil, cujo destino, depois das gavetas, e uma vez não publicados, seria o lixo tão logo eu viesse a padecer.

Aprendi, desde cedo, a praticar aquilo que era ensinado em sala de aula. Assim, quando fui apresentado às rimas, fiquei impressionado com a possibilidade de escrever textos poéticos e paródias

o que dava mais brilho às apresentações de trabalhos na escola, inclusive aqueles defendidos na Universidade.

Dos estudos em literatura brasileira, acabei por organizar recitais livres na escola em que cursei a educação básica. Nesse espaço, ganhava terreno também os versos brancos e o teatro, fazendo surgir (dessa mistura) o meu primeiro grande poema, *Ciladas do amor* que – escrito para ser encenado durante um destes eventos, produzidos por mim e abraçados pela escola – voou mais longe do que imaginava sendo representado em outros locais e por grupos diversos.

Mais tarde, *O mistério especial* – produzido na Universidade – fora publicado numa Revista Cultural organizada pela Secretaria de Educação e Cultura de Pau dos Ferros, RN. Esses acontecimentos serviram de impulso para a criação de novos poemas, retratando assuntos diversos, os quais perpassam minha vida pessoal e profissional até os nossos dias.

Quanto ao teatro, além daquelas experiências simples que todos temos na escola, acabei por criar

um grupo que o denominamos de “Bem-me-quer” – isso no final da década de 1980 e, mais tarde, aceitando o convite para dirigir um outro grupo amador em minha terra natal – São Francisco do Oeste, RN – no ano de 1997, tratava-se de um grupo de jovens que tinha por sonho a realização de um curso para aperfeiçoar a arte amadora, e a captação de recursos para investir na arte teatral, porém enquanto isso não acontecia, divertiam as pessoas da cidade com a apresentação de esquetes, danças e peças teatrais encenadas, geralmente, no mercado público ou no pátio da própria escola.

As peças eram retiradas de livros específicos de teatro, quando não criadas por todos os participantes. O primeiro grupo teve uma atuação muito importante na igreja católica e, em datas específicas, como a Semana Santa, o dia das mães e o Natal, tinha apresentação garantida e esperada pelos fiéis católicos.

Diante desse cenário, fui percebendo que se escrevesse as peças ou as adaptasse, teria condições de trazê-las para mais próximo dos nos-

sos expectadores, retratando suas experiências de vida, seu contexto econômico e social, além daquilo que era tido como humor para aquela gente. E assim o fiz!

Adapteí várias peças, algumas delas retiradas de uma revista chamada *Mundo Jovem*, de bastante circulação no meio escolar e religioso, outras de autores como: Câmara Cascudo, Tatiana Belinky, Martins Pena, Nelson Rodrigues entre outros.

Fiz uso de uma linguagem extremamente popular (coloquial), afinal o desejo era trazer as falas o mais próximo possível dos nossos expectadores, o que propiciaria maior entendimento das mensagens, fazendo (simultaneamente) com que estes se sentissem dentro daquele contexto.

É nesse sentido que o meu leitor encontrará a utilização de uma variação linguística neste livro. Expressões formais, outras bem coloquiais (para marcar falas de certos personagens), regionalismos e gírias que, de acordo com os linguistas, nada mais são do que a heterogeneidade de uma linguagem, manifestada em uma situação de uso.

Quando, em 2000, assumi a Secretaria Municipal de Saúde de São Francisco do Oeste, vivi o período em que mais notei a importância do teatro para fazer Educação. Em razão disso, diversas peças foram escritas no intuito de divertir ensinando.

E assim, informações elementares acerca de controle social, DSTs, alcoolismo, tabagismo, dengue entre outras doenças, chegavam à população através de peças apresentadas nos corredores do Centro de saúde, nas escolas, bairros da cidade e comunidades rurais.

Com uma composição de doze jovens, o Teatro UNIDORISO ganhou destaque na região e fez apresentações, com ênfase na saúde pública, em vários municípios circunvizinhos a pedido de prefeitos e secretários.

O meu desejo é de que este livro possa reacender a arte teatral, que ora se vê tão esquecida nos municípios interioranos, uma vez que é possível comprovar a sua eficácia no desenvolvimento de temas escolares e/ou de interesse social, envolvendo a todos numa magia contagiante que, simultanea-

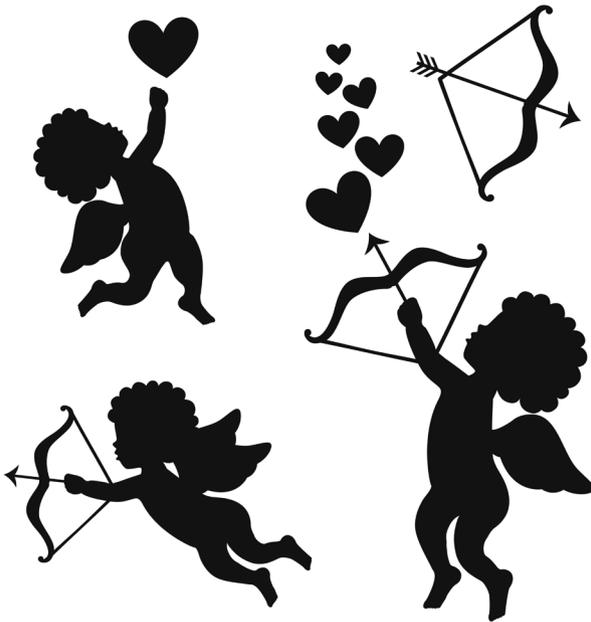
mente, informa, argumenta, persuade, transforma. Afinal, já dizia Sigmund Freud: “Brincando pode-se dizer de tudo, até mesmo a verdade”.

Outro desejo é exatamente eternizar – através desses textos – um mundo de quem sonhou demais, teve apoio de menos, mas que viveu infância e adolescência cercado de amigos que acatavam todas as ideias, por mais desastrosas que parecessem, porque tinham a mim como “líder”, como representante, como alguém que os ajudaria a conquistar aquilo que fora almejado por todos, durante mais de uma década, e que passara também a ser um sonho meu.

Que assim seja!

parte I

poemas



ABRAÇO

Ah! Que bom seria
Como eu queria
Ter você um dia
Nos **braços** meus

Sentir seu **cheiro**
Tocar seu corpo
Sentir o gosto
Do **beijo** seu

Falar de **amor**
Dar-lhe **carinho**
Não viver sozinho
Sem os **abraços** seus

Fique sabendo **querida**
Que por você dou minha **vida**
Minha infância perdida
Dou-lhe os **dias** meus

Pois que bom seria
Ter você um dia
Nos braços meus.

“

Sempre ao voltar do colégio à tardezinha, gostava de liberar meu pensamento sobre o que fazer para ter um futuro melhor. Eu já estava certo de que a escola me proporcionaria uma infinidade de oportunidades, mas “viajava” pensando em como ir mais longe.

Meu espaço preferido era sempre o terreiro da cozinha, cercado por uma faxina rala e inclinada, que tinha como cenário as plantas de minha vó, o moinho e uma “vereda” que nos conduzia a um banheiro inoperante no fundo do quintal. Lá no alto conseguíamos ver a “palhoça do Aconchego”, que, enquanto espaço mais “badalado” da cidade, estava sempre em sintonia com uma rádio responsável por embalar a música *Early morning* aos meus pensamentos, algo que revivo até hoje.

Negro, pobre e vivendo numa sociedade preconceituosa e excludente, sempre soube que precisaria de esforços para garantir o meu lugar ao sol. Munido de valores difundidos pela minha vó, entendi cedo a lei da reciprocidade. Assim, da limpeza de livros na Biblioteca Pública Municipal, onde também fui jardineiro, até os dias de hoje, tenho muito o que agradecer.

